

Cinco rostos de Rosalie Rendu

Conferência feita no dia da Renovação
Paris, Casa Mãe, 25 de março de 2003
Padre Robert P. MALONEY
Superior Geral

Rosalie Rendu era uma mulher extraordinária. Embora as numerosas biografias escritas a seu respeito sejam pobres em qualidade¹, o vigor, a criatividade, a coragem, a fidelidade de Rosalie brilham nos relatos daqueles que a conheceram². Bem antes de sua morte, já era célebre. Uma multidão imensa, estimada entre quarenta mil a cinquenta mil pessoas de todas as categorias sociais, afluíram aos seus funerais, a 9 de fevereiro de 1856. Enquanto esperamos com impaciência sua beatificação, penso nestas palavras eloqüentes de Shakespeare: “Quando ela morrer, tomem-na, piquem-na em pequenas estrelas, e ela tornará o aspecto do céu tão lindo que todo mundo ficará enamorado da noite”³.

A Igreja beatifica e canoniza homens e mulheres precisamente por esta razão: para que eles brilhem para nós como estrelas, para que no meio das nossas tibiezas possamos ver, a seu exemplo, o que significa verdadeiramente ser santo. Os santos tornam a santidade palpável e

¹ A biografia de base foi escrita pelo Visconde Armand de Melun, e se intitulava *vida de Irmã Rosalie Rendu, Filha da Caridade* (Paris, 1857). Houve 13 edições. As últimas biografias (ver a lista, destas, cf. Positio, “Biografia documentada”, p. 306 e ss), seguem, simplesmente, o trabalho deste colaborador próximo e amigo de Irmã Rosalie.

² Além destes textos assinalados, todas as citações desta conferência são tiradas de *Positio Virtutibus et Fama Sanctitatis* (Roma, 1993).

³ *Romeu e Julieta*, Ato III, cena II (levemente modificada).

concreta. Por isso, hoje, permitam-me apresentar-lhes cinco rostos de Rosalie Rendu.

I. Trabalhadora e organizadora extraordinária

Rosalie nasceu a 9 setembro de 1786, em Confort, uma localidade de Savoie. Tinha exatamente 15 anos quando partiu para Paris. Passou mais de 50 anos de sua vida no bairro Mouffetard. Suas obras eram prodigiosas. Havia uma escola primária onde Rosalie ensinou inicialmente e dirigiu mais tarde. Embora não tivesse nível de instrução muito elevado (os biógrafos dizem que nunca escreveu muito bem o francês), ela e as outras Irmãs, trabalhavam laboriosa e obstinadamente, para ensinar leitura, escrita, cálculo elementar e catecismo às crianças.

Para as jovens e as mães mais carentes, rapidamente Rosalie organizou cursos de costura e de bordado. Mais tarde, fundou uma creche e uma escola maternal onde os filhos das mães operárias eram acolhidos durante o dia. Para estas mesmas pessoas, fundou as Filhas de Maria, com um ramo para as mães cristãs dedicado a Nossa Senhora do Bom Conselho.

Embora Rosalie não fosse partidária dos orfanatos, aceitou em 1851 dirigir um; em 1852, abriu um abrigo para idosos.

E mais, ela e suas Irmãs dirigiam um centro de acolhida para a distribuição de vales para alimentos e lenha; tinham também uma farmácia, um dispensário e uma rouparia. Ela ajuda na organização das Conferências de São Vicente de Paulo e orienta seus membros. Participa no restabelecimento das Senhoras da Caridade em 1840. Cuida dos doentes e dos agonizantes durante as freqüentes epidemias de cólera e, sobretudo, visita a domicílio, durante toda a sua vida, os pobres e os doentes. Durante as epidemias entre 1849 e 1854, morriam mais de 150 pessoas por dia na paróquia onde Rosalie e suas Irmãs trabalhavam. Elas serviam os vivos, acompanhavam os agonizantes e enterravam os mortos.

O segredo da prodigiosa energia de Rosalie e de suas numerosas obras era precisamente o segredo que São Vicente deixou para todos os seus discípulos: via o rosto de Cristo na pessoa dos pobres. Este era também o parecer do teólogo que estudou seus escritos em abril de 1956⁴. Uma das Irmãs que viviam com ela conta como Irmã Rosalie animava a comunidade: *“Amemos muito o bom Deus, não regateemos quando se trata do dever; sirvamos bem os pobres, falemos-lhes sempre*

⁴ Positio, “Sumário do Processo Ordinário de Paris”, p. 92

com grande bondade. Se não agirmos desta maneira seremos castigadas: os pobres dir-nos-ão injúrias, porém, quanto mais grosseiros forem, mais dignas devemos ser. Lembremo-nos que estes farrapos ocultam Nosso Senhor”⁵.

Duas perguntas para fazer uma ligação com a nossa vida:

- Ao longo de sua vida, você conheceu Irmãs que refletem este rosto de Rosalie Rendu? Quais eram seus nomes?
- Quais eram suas obras marcantes? De que maneira eram boas organizadoras?

II. Superiora local

Aparentemente doente, Rosalie foi enviada para fora do noviciado quando ainda não tinha 17 anos, na esperança de que com a mudança de clima pudesse melhorar sua saúde. Parece difícil imaginar que o clima fosse melhor no pobre bairro de Mouffetard, mas como completava ali seu seminário, vivia e trabalhava nesta comunidade, ali ela se desenvolveu. Logo ganhou o afeto das Irmãs daquela casa. Voltou à Casa Mãe para a “tomada de hábito” levando umas palavrinhas para a Superiora Geral, da parte da Superiora local, Irmã Tardy: “*Estou muito contente com esta pequena Rendu; dê-lhe o hábito, e mande-a de volta*”⁶. E foi assim que Jeanne-Marie Rendu, agora Irmã Rosalie, deu os seus primeiros passos e chegou a ser a “Apóstola do Bairro Mouffetard”, talvez o bairro mais miserável de Paris, onde esteve até o fim de sua vida. Em 1815, com apenas 29 anos, foi nomeada Irmã Servente, serviço que desempenhou durante 41 anos, até sua morte.

Como era Rosalie como Irmã Servente?

Quando leio os relatos dos primeiros testemunhos de sua vida, três fatos me chamam a atenção:

1. Seu primo descreve as relações de Rosalie com as Irmãs da comunidade com esta frase: “*ternura infinita*”⁷. Era muito sensível a tudo que a rodeava. Isto é evidente tanto nos contatos com os pobres como em suas relações com as Irmãs. Uma companheira citada como testemunha escreve: Se lhe parecia que uma Irmã estava cansada, ela subia à sua classe e lhe dizia: “*Vim ficar aqui com as crianças, minha Irmã, enquanto a senhora vai tomar tal coisa que lhe preparei!*”⁸. Alguns consideraram sua sensibilidade como uma falta. Em 1844, na morte de duas de suas companheiras a quem

⁵ Ibid. p. 56-57

⁶ Vicomte de Melun, Vida de Irmã Rosalie (Paris: J. De Gigord, 1929) p. 29

⁷ Positio, “Bibliografia documentada” p. 195”.

⁸ Ibid.

amava profundamente, Rosalie escreveu: *“Meu coração teve alguns sentimentos de revolta contra a mão que nos feriu”*. Um dos teólogos que estudou seus escritos não gostou disso, mas na realidade Rosalie acrescentou: *“mas tenho certeza de que estes dois anjos obter-me-ão misericórdia. Rezarão tanto que farei meus esforços para imitá-las; tenho confiança”*⁹.

Seu primo testemunhou tê-la visto chorar no momento da partida de uma de suas Irmãs a quem queria muito. Certa ocasião falou de suas lágrimas a uma pessoa de sua confiança e esta lhe disse: *“Tenha a certeza de que se não amasse tanto suas Irmãs, não amaria tanto os pobres”*...¹⁰.

2. A casa onde Rosalie era Irmã Servente converte-se, por assim dizer, numa “casa de formação”, para onde enviavam muitas Irmãs Jovens. Antes de tudo, aprendiam com ela, como servir os pobres. Ao longo dos anos viveram com ela vinte e duas postulantes¹¹ e, sob sua direção, a partir de 1832, prepararam-se para os votos¹², dezoito Irmãs. No momento de sua morte¹³; doze Irmãs formavam a comunidade; a metade delas tinha menos de quatro anos de vocação.

Sua atitude com relação à formação das Irmãs Jovens faz-se clara numa carta que escreveu em 1838 a uma jovem noviça das Filhas da Caridade. *“Aprenda a ser filha de São Vicente, isto é, Filha da Caridade, herdeira das promessas que Ele (Deus) fez de dar tudo a quem se dá sem reserva”*¹⁴.

Aparentemente ela fazia guerra ao amor próprio. Uma das Irmãs da casa afirma: *“ Como Irmã Servente, combatia sem piedade este defeito: é nosso inimigo capital, dizia ela, procurem-no e o encontrarão no fundo de todas as coisas, ele se disfarça para nos enganar e nos perder, mas é preciso agarrá-lo pela garganta e estrangulá-lo”*¹⁵.

3. Sob a direção de Rosalie, esta casa extraordinariamente ativa era também de maneira extraordinária uma casa de oração.

A comunidade que ela animava, levantava-se diariamente às quatro horas da manhã e fazia fielmente a oração. Entre as leituras

⁹ *Ibid.* p. 195-196

¹⁰ *Ibid.* p. 196-197

¹¹ *Ibid.* p. 179-180

¹² *Ibid.* p. 180

¹³ *Ibid.* p. 181

¹⁴ *Ibid.* p. 208-209

¹⁵ *Ibid.* p. 201

que Irmã Rosalie considerava como fonte de oração estava a *Imitação de Cristo* e as obras de São Francisco de Sales, a quem chamava seu querido amigo e conterrâneo de Savoie¹⁶. Uma de suas companheiras escreve: “*Se havia necessidade de deixar Deus por Deus e acompanhá-la numa visita caritativa, dizia-nos: ‘Minha Irmã, comecemos nossa oração!’ Indicava o plano, dava a orientação com poucas palavras simples e claras, e entrava num santo recolhimento*”¹⁷. O Visconde de Melun lembra que em certa ocasião ela havia dito a uma Irmã: “*Nunca faço tão bem minha oração como na rua*”¹⁸.

Duas perguntas para fazer uma ligação com a nossa vida:

- Você mesma teve superiores locais que refletissem estas três qualidades de Rosalie mencionadas anteriormente? Quais eram seus nomes?
- Quais eram suas qualidades mais notáveis?

III. Mulher intrépida

Segundo diziam todos, esta mulher cheia de ternura era intrépida. Rosalie viveu em tempos agitados. Quando criança, experimentara o reinado do Terror na França; sua família havia escondido, em sua casa, um padre revolucionário. Ela chegou a Paris sob o governo de Napoleão, quando a Congregação da Missão havia sido suprimida e as Filhas da Caridade não usavam o hábito. Conheceu as revoluções de 1830 e 1848 bem como as terríveis epidemias de cólera de 1832, 1849 e 1854.

Rosalie circulava entre os enfermos e moribundos sem temer por sua própria saúde. Com suas Irmãs socorreu constantemente milhares de vítimas da cólera. Elas acompanhavam os membros da novíssima fundação das Conferências de São Vicente de Paulo que trabalhavam com elas junto às pessoas atingidas pelo cólera.

Os episódios mais célebres que revelam a coragem de Rosalie ocorreram durante as revoluções. Como Rosalie e as Irmãs escondiam os revolucionários, o Senhor Gisquet, Delegado de Polícia, assinou uma ordem de prisão contra ela. Mas os policiais locais preveniram seu chefe de que sua captura revolucionaria todo o bairro Mouffetard. Gisquet vai então, pessoalmente, levar à Rosalie o mandado de prisão. Ela lhe diz: “*Sou Filha da Caridade; não tenho bandeira, vou ajudar os necessitados aonde quer que se encontrem, tento fazer-lhes o bem sem julgá-los, e, asseguro-lhe que*

¹⁶ *Ibid.* p. 199

¹⁷ *Ibid.*

¹⁸ *Ibid.*

se o senhor mesmo fosse perseguido, e me pedisse ajuda, não recusaria¹⁹. O Delegado deu o assunto por encerrado.

Durante a revolução de 1848, um violento combate destruiu tudo na cidade. O Arcebispo de Paris, animado por Frederico Ozanam, subiu às barricadas para tentar impedir a matança, mas foi assassinado e a luta recomeçou com mais intensidade, causando milhares de vítimas. O General Cavaignac decidiu então bombardear sem piedade o bairro Mouffetard, mas antes, ofereceu às Irmãs uma escolta, para conduzi-las a um lugar seguro. Irmã Rosalie respondeu a seu mensageiro: “*Senhor, agradeça ao General e diga-lhe que somos Servas dos pobres e também suas mães e que queremos morrer com eles*”²⁹. Rosalie e o General, que mais tarde chegou a ser Presidente da República, tornaram-se amigos e tinham uma profunda admiração um pelo outro.

O Visconde de Melun disse que durante esta mesma Revolução de 1848, um oficial da Guarda buscou refúgio na casa das Irmãs. Chegou à porta perseguido pelos assassinos. Rosalie deteve-os gritando: “*Aqui não se mata!... Por minha abnegação durante 50 anos, por tudo que fiz por vocês, suas esposas, seus filhos, peça-lhes a vida deste homem*”²¹. O oficial foi salvo.

Duas perguntas para fazer uma ligação com a nossa vida:

- Você conheceu Irmãs que eram “mulheres intrépidas”?
- Diga algumas de suas ações intrépidas.

IV. Amiga dos ricos e dos pobres

Recentemente, fui por duas vezes ao Cemitério Montparnasse visitar o túmulo de Rosalie Rendu onde sempre há flores naturais. Na pedra simples estão gravadas estas palavras: “*À Irmã Rosalie, seus amigos reconhecidos, os pobres e os ricos*”.

Como São Vicente, Rosalie sabia ser amiga de uns e de outros. Os pobres a amavam profundamente, porque percebiam que ela vivia verdadeiramente o que pedia às Irmãs que a acompanhavam em suas visitas. Segundo o testemunho de uma delas, recomendava-lhes: “*acolher todo mundo, falar aos pobres ao mesmo tempo com bondade e dignidade, não fazê-los esperar. Tratem-nos, dizia ela, como tratariam seu pai, seus irmãos, suas irmãs*”²².

¹⁹ *Ibid.* p. 70

²⁹ *Ibid.* p. 72

²¹ *Ibid.*

²² *Ibid.* p. 179

Mas os ricos também se sentiam atraídos por Rosalie. Ela era uma pessoa verdadeira. Seus apelos eram irresistíveis. Ela sabia como mobilizar suas energias e seus recursos para o serviço dos pobres.

Correspondia-se com o Arcebispo de Paris, bem como com os Superiores Gerais, os homens políticos, os doutores, os jovens estudantes, seus familiares e amigos.

Havia assumido Frederico Ozanam e seus companheiros como seus aprendizes e assim participou do nascimento da Sociedade de São Vicente de Paulo.

De 1833 até a morte de Rosalie, o Visconde de Melun vinha vê-la pelo menos uma vez por semana para receber orientação e ajuda para o serviço dos pobres. Entre aqueles que ajudavam materialmente Rosalie, encontram-se o Rei e a Rainha, o General Cavaignac citado anteriormente, os escritores e políticos como Lamartine e Caubert, numerosos homens públicos e administradores locais. O Embaixador da Espanha, Donoso Cortez, vinha à casa de Rosalie todas as semanas para receber a lista dos pobres para visitar. Quando ele próprio caiu doente em 1853, Rosalie assistiu-o até sua morte.

A 27 de fevereiro de 1852, foi-lhe concedido o prêmio da Legião de Honra. A 18 de março de 1854, o Imperador Napoleão III e a Imperatriz Eugênia foram vê-la em sua casa. Parece que a extraordinária popularidade de Rosalie levou algumas vezes seus iguais e seus superiores a franzirem a testa.

Era longa a fila cotidiana daqueles que queriam entrar na portaria da casa de Rosalie, rua de l'Épée-de-Bois. Ela trabalhava eficazmente, tomava notas para se lembrar dos pedidos. Buscava sempre encontrar alguma solução, não forçosamente completa para todas as necessidades que lhe apresentavam. Não hesitava em pedir ajuda àqueles mesmos a quem ajudava. Além das Irmãs, envolveu os próprios pobres, os jovens estudantes, os padres, os religiosos e também os ricos no serviço dos pobres.

Duas perguntas para fazer uma ligação com a nossa vida:

- Certamente você conheceu muitas Irmãs amigas dos pobres. Conheceu Irmãs que sabiam mobilizar os ricos para ajudar os pobres? Quais eram seus nomes?
- Como o faziam?

V. Fiel, algumas vezes incompreendida, Filha da Caridade.

Entre todas as causas de beatificação dos membros de nossa Família Vicentina, a que mais me interessa é precisamente a de Rosalie Rendu. Ela era venerada ainda em vida. Todos que a conheceram dizem que ninguém

se pareceu tanto com São Vicente quanto ela. Suas obras foram maravilhosas, mas a força de sua oração era também impressionante. Embora fosse tenaz e infatigável na defesa dos pobres, tinha uma “ternura infinita” em tudo que se referia a eles. Mesmo com pequeno nível de instrução, aconselhava gente de todas as condições que vinham procurá-la (fato que ela aceitava com uma pitada humor)²³.

Mas, já no final de sua vida, Rosalie sofreu a desaprovação de seus superiores. Parece que os problemas sobrevieram no final de 1830 e que o conflito surgiu sob o mandato do Padre Nozo como Superior Geral²⁴. Por causa de um escândalo financeiro e a perda de uma soma considerável de dinheiro para a Congregação da Missão, levantou-se uma forte oposição contra Nozo. Os Padres Etienne e Aladel estavam entre os seus adversários mais temíveis. A notícia do conflito foi publicada em todos os jornais, de modo que toda Paris falava disso. Finalmente, o Arcebispo de Paris decidiu intervir e redigiu um documento de interdição contra o Padre Etienne, o Padre Aladel e outros. Rosalie que tinha boas relações com o Arcebispo e que desejava que tudo isso terminasse pacificamente, foi interceder junto a ele. Pôs-se de joelhos diante do Arcebispo e assim permaneceu durante muito tempo, recusando-se a sair e suplicando que queimasse a sentença de interdição contra os Padres Etienne, Aladel, Legot e Grapain, mesmo se ele próprio estivesse a favor do Padre Nozo²⁵. Após uma longa resistência, o Arcebispo cedeu. Um relato atesta que no final da entrevista o Arcebispo disse à Rosalie: *“Queime-a você mesma, e lembre-se de que a torna responsável ante o tribunal de Deus pelo ato que me obriga a praticar”*²⁶.

Considerando hoje, vê-se claramente que com sua intervenção, Rosalie queria servir de mediadora para resolver amistosamente um conflito sério, mas o Padre Etienne, eleito pouco tempo depois Superior Geral, permaneceu bastante descontente com ela. Só um Lazarista, o Padre Marion, participou de seus funerais: disse ter vindo discretamente, mas que não podia faltar porque devia muito à Irmã Rosalie.

É interessante assinalar que Rosalie, nunca tolerou, em sua presença, nenhuma crítica contra o Padre Etienne, apesar de suas relações frias. Um dia, no recreio, uma Irmã Jovem, com um pouco de humor, havia feito uma observação sobre a corrupção do Padre Etienne. Rosalie repreendeu-a severamente: *“desculpo sua observação por causa de sua juventude, mas você não teria falado assim se tivesse pensado que Deus e São Vicente se fazem representar por nossos superiores”*²⁷. Isto pôs fim à conversa.

²³ *Ibid.* p. 170

²⁴ cf. *ibid.* p. 204

²⁵ cf. também, *Positio*, “Sumário do processo ordinário de Paris”, p. 43

²⁶ *Positio*, “Biografia documentada”, p. 204

²⁷ *Positio*, “Exposição e virtudes” p.51

Vimos cinco rostos de Rosalie Rendu. Com uma personalidade assim rica como a sua, estou certo de que poderíamos falar de muitos outros. Rosalie morreu a 7 de fevereiro de 1856. Sua mãe havia morrido três dias antes, mas esta notícia jamais chegou a Rosalie.

Um autor contemporâneo, Elizabeth Johnson, escreve: “Os *personagens paradigmáticos** que emergem ao longo da história assemelham-se a uma via-láctea lançada entre o céu e a terra... um rio cintilante de estrelas descendo em espiral do centro da galáxia... para iluminar um caminho na obscuridade. São mulheres e homens que em seu tempo e lugar brilham como o sol com reflexos de divindade revelando à comunidade o Rosto de Cristo. Destilam de forma concreta e acessível os valores capitais da tradição viva. A força direta de seu exemplo atua como um catalisador na comunidade, forçando reconhecer que: *sim, é isto que somos chamados a ser*”²⁸.

É precisamente isto o que Rosalie nos diz hoje.

Padre Robert P. MALONEY, cm
Superior Geral

Vida da Companhia

O Espírito da Companhia

Segunda Conferência feita na

²⁸ Elisabeth A. Johnson, Friends of God and Prophets (New York : The Continuum Publishing Company, 1999) p. 239

* personagens paradigmáticos: exemplares

Introdução

São Vicente estava convencido de que, com a fundação da Companhia, Deus suscitara algo novo na Igreja. E essa novidade não estava somente no *fim* e no *estilo de vida* (servir os pobres, ir ao seu encontro, ser a primeira expressão da vida consagrada feminina, que vivia sem clausura, vestir como as jovens camponesas, com votos ou sem eles, temporais ou perpétuos...). Embora isso fosse importante, o fundamental para o Fundador estava no espírito próprio, que Deus havia infundido na Companhia. Por isso, revelou um interesse particular para que as primeiras Irmãs conhecessem e assimilassem bem o espírito que lhes era próprio, que pode ser sintetizado e expresso na prática da humildade, simplicidade e caridade.

Quando lemos alguns exemplos que tanto São Vicente como as primeiras Irmãs enumeram como manifestações dessas virtudes, achamos os estranhos e ultrapassados. Por isso, o Padre Maloney, quando apresentou as virtudes específicas da Congregação da Missão e as das Filhas da Caridade, introduziu um parágrafo intitulado “mudança de perspectiva”¹. A fidelidade ao espírito, nas condições históricas atuais, requer superar algumas maneiras de compreendê-lo e expressá-lo, próprias do século XVII. O objeto e o significado das três virtudes que formam o espírito, devem permanecer, porém, suas expressões serão diferentes. Por isso, vale a pena que as Filhas da Caridade se perguntem e respondam: Que significa ser humilde, simples e caridosa? Como São Vicente compreendia estas virtudes? Quais seriam hoje as suas expressões? O que está em jogo, na resposta a estas perguntas, é a fidelidade dinâmica da Companhia ao espírito que a caracteriza, na Igreja. Reflitamos, pois, sobre o espírito da Companhia.

Vocês têm um espírito próprio

A primeira das três conferências sucessivas que São Vicente faz às Irmãs “*sobre o espírito da Companhia*”, começa com a evocação do espírito que caracteriza algumas congregações existentes na Igreja.

¹ cf. P. R. Maloney. *O caminho de Vicente de Paulo*, Págs. 45-87. *Escuta o clamor dos pobres*, p. 193-194; 205-206. Ed. CEME, Salamanca 1993, 1996.

Esta enumeração termina com estas palavras: “*Vede, portanto, minhas caras Irmãs que Deus dá o Seu espírito a uns e a outros diferentemente, e de tal maneira que o espírito de uns não é o espírito de outros*”.

Uma vez que as Irmãs tomaram consciência dessa diversidade de espírito, São Vicente lhes disse: “*Quando Deus fez a Companhia, deu-lhe o seu espírito particular. O espírito é que anima o corpo. Importa que as Filhas da Caridade saibam em que consiste este espírito*”².

Pode parecer-nos estranho que já tivessem decorrido vinte anos da fundação da Companhia, e São Vicente não tivesse ainda falado às Irmãs sobre o espírito que as caracterizava na Igreja. As respostas vagas e indecisas que elas deram às perguntas de São Vicente comprovam que falou pela primeira vez, sobre o assunto, no dia 2 de Fevereiro de 1653. Por isso, ao começar a segunda conferência (9 de Fevereiro) lhes disse: “*Não interrogarei ninguém, porque seria difícil encontrar quem me pudesse responder, a não ser a Senhora Le Gras; pois, se vos perguntasse qual é esse espírito, dir-me-íeis: “Senhor, já no-lo dissestes alguma vez? Se no-lo ensinar, responder-vos-emos*”³. É a isto que São Vicente dedicará a segunda e a terceira conferências, e fará repetir insistentemente para as Irmãs.

² São Vicente – Idem

³ São Vicente; Conferência de 9 de fevereiro de 1653, p. 388

“Deveis, portanto saber, minhas queridas Irmãs, que o espírito da Companhia consiste em três coisas: amar Nosso Senhor e servi-lo em espírito de humildade e simplicidade. Enquanto existir entre vós a caridade, a humildade e a simplicidade, poder-se-á dizer: “A Companhia da Caridade ainda vive”; mas, quando nela já não houver essas virtudes, poder-se-á dizer: “a pobre Caridade morreu.”⁴ Assim como a alma é a vida do corpo, no dia em que a caridade, a humildade e a simplicidade desaparecerem da Companhia, a pobre Caridade estará morta; sim, ela estará morta.

Não é a finalidade que distingue uma congregação de outras, pois, freqüentemente ela é comum: *“Ora, minhas queridas Irmãs..., deveis saber a diferença que há entre a vossa Companhia e muitas outras que fazem profissão de assistir os pobres como vós, mas não da maneira com que o fazeis”⁵. As Irmãs que escutavam São Vicente e iam respondendo às perguntas que lhes fazia, foram enumerando algumas expressões dessas virtudes. E ele insiste novamente: “Repito ainda uma vez que o espírito da Companhia, minhas Irmãs, consiste no amor de Nosso Senhor, no amor dos pobres, no amor entre vós, na humildade e na simplicidade. Mais valia não haver Filhas da Caridade, se entre vós não houvesse estas virtudes”⁶.*

Quase no final da terceira conferência, e como prova da importância que tanto São Vicente como as Irmãs davam ao tema proposto, acrescenta: *“Pois bem, minhas queridas Irmãs, peço-vos que fixeis bem isto: se alguma vez foi feita uma instrução proveitosa, foi esta. Se alguma coisa há no mundo que deveis pedir a Deus, é o vosso espírito; e se vos deveis dar a Deus para algum fim, é para este. Que este espírito transpareça em vós nas vossas idas e vindas; que se veja sempre em vós o espírito de caridade, humildade e duma grande simplicidade”⁷.*

Por que estas três virtudes?

Algumas Irmãs se perguntam hoje sobre as razões que teve São Vicente para resumir o espírito da Companhia na humildade, simplicidade e caridade. Nos escritos que nos chegaram não encontramos a resposta direta a tal pergunta. Porém não seriam estranhas ao seu pensamento as seguintes razões:

- Porque são estas as virtudes que decorrem em primeiro lugar, dos três traços do Cristo vicentino: Adorador do Pai, Servo do

⁴ *São Vicente*; Conferência 9 de fevereiro de 1653, p. 390

⁵ *São Vicente*; Conferência 9 de Fevereiro de 1653, p. 388

⁶ *São Vicente*; Conferência 9 de Fevereiro de 1653, p. 391

⁷ *São Vicente*; Conferência de 24 de Fevereiro de 1653, p. 398

seu desígnio de amor e Evangelizador dos Pobres. Esse Cristo assim revelado nas Escrituras e assim descoberto pelos Fundadores é, segundo a C.1.5, a Regra das Filhas da Caridade. Diz São Vicente: *“As Congregações que estão na Igreja de Deus contemplam Nosso Senhor de formas diferentes, segundo os diversos atrativos da graça, segundo as luzes e as idéias diferentes que lhes apraz conceder, a esta num estado, àquela em outro; assim O honram e O imitam de diversas maneiras”*¹⁰. As Constituições indicam como as Filhas da Caridade devem contemplar o Cristo e que traços descobrirão nessa contemplação: seu despojamento, seu amor, sua mansidão e humildade... para depois traduzir na vida diária essas disposições que as tornam mais próximas dos desamparados¹¹.

- Porque são as três virtudes que melhor podem ajudar a cumprir o fim da Companhia, e a viver a vida fraterna que fortalece a missão. Estes dois aspectos aparecem intimamente relacionados na explicação que São Vicente e as primeiras Irmãs tinham das três virtudes.
- Porque são as qualidades necessárias para ser verdadeiramente, as servas dos Pobres. As Constituições expressam perfeitamente em que consiste a espiritualidade da Companhia, em coerência com seu espírito próprio: *“Sejam quais forem suas formas de compromisso e seu nível profissional, conservam, em relação aos Pobres, uma **atitude de serva** que deve ser a concretização das virtudes de seu estado: humildade, simplicidade e caridade”*². Elas *“são o caminho através do qual as Filhas da Caridade devem deixar-se conduzir pelo Espírito Santo”*¹³.

Na Conferência de São Vicente dirigida aos missionários “sobre as cinco virtudes fundamentais”, disse-lhes: *“Entre (as máximas evangélicas) que são muitas em número, escolhi especialmente as que são mais próprias do missionário. Quais são? Sempre acreditei e pensei que eram a simplicidade, a humildade, a mansidão, a mortificação e o zelo”*. É lógico pensar que o mesmo critério o conduziria na hora de selecionar as três virtudes características da Companhia; isto, por serem as mais apropriadas ao fim e à condição de servas dos Pobres.

Por estas razões, as Filhas da Caridade consideram essas virtudes não tanto como aperfeiçoamento interior de sua pessoa, sem descartar isto, mas, sobretudo, como exigências para a missão. É o serviço corporal e espiritual aos Pobres quem as reclama, para que possa ser exercido com as atitudes de uma serva. Sem elas, a Companhia talvez

¹⁰ Coste, XII, p. 284; Conferência de 23 de Agosto de 1659

¹¹ cf. C. 2.2. e 1.10

¹³ C. 1.10

pudesse prestar serviços eficazes aos Pobres, como o fariam uma empresa, uma instituição beneficente ou uma ONG de voluntárias. A Companhia, porém, é outra coisa. Nela, o serviço aos Pobres é a expressão do dom total de seus membros a Deus, e estes não são damas da assistência pública, mas Filhas da Caridade, servas dos Pobres, seus “mestres e senhores”.

Conteúdo das três virtudes

O conteúdo da humildade, da simplicidade e da caridade é o mesmo para todo cristão. São Vicente o encontra nas palavras e exemplos de Cristo e dos santos, nos ensinamentos que a teologia e os autores espirituais de sua época oferecem sobre estas virtudes. Utiliza todo esse material com uma finalidade: formar as Filhas da Caridade para que sejam as continuadoras da missão de Cristo evangelizador e servidor dos Pobres, revestidas do seu mesmo espírito. A originalidade de São Vicente no que se refere a estas três virtudes não está na doutrina, mas na finalidade e orientação que lhes imprime.¹⁵

a) A humildade

Os termos latinos “*humilis*” e “*humilitas*”, etimologicamente, fazem referência a “*húmus*”, a algo pertencente à terra que age a partir de baixo, dando vida às plantas. No sentido evangélico e espiritual, a humildade é a virtude que impulsiona ao reconhecimento da pequenez da criatura diante da grandeza de Deus. Pela humildade, reconhecemos nossas limitações e olhamos para Deus como autor de todo dom. São Vicente afirmava que “*a humildade e a verdade, entendem-se muito bem juntas*”¹⁶. Por isso, a humildade é definida como a virtude que modera a tendência desordenada de exagerar o que somos, de nos fazer valer, propiciando ao mesmo tempo o justo reconhecimento dos valores e limitações próprias e alheias¹⁷. Torna-nos capazes de autocrítica e nos liberta do complexo de inferioridade. No plano psicológico, o orgulho é tão nocivo quanto a falta de auto-estima. A verdadeira humildade leva-nos a reconhecer nossas próprias limitações e a sentir-nos necessitados de Deus e, ao mesmo tempo, agradecer os dons que nos concede e a colocá-los a serviço dos outros.

Jesus apresentou-se como modelo de humildade: “*Aprende de mim que sou manso e humilde de coração*”¹⁸. Deus se revela aos

¹⁵ cf. Padre Miguel Pérez Flores. “Revestir-se do espírito de Jesus Cristo, p. 87-100. Ed. CEME. Salamanca 1996

¹⁶ Coste I, Pág. 200; Carta ao Padre Du Coudray, 23 de dezembro de 1631

¹⁷ cf. Padre Miguel Pérez Flores. Idem, Pág. 118

¹⁸ Mt. 11, 29

humildes e pequenos¹⁹, justifica o publicano que se reconhece pecador diante do orgulho do fariseu²⁰. Ele não veio para ser servido como o demonstrou e ensinou, lavando os pés dos seus discípulos, na Última Ceia²².

Foi São Paulo quem melhor nos apresentou a radical humildade de Jesus: Sendo Deus, fez-se homem, tomou a condição de servo e se humilhou fazendo-se obediente até a morte²³.

b) A simplicidade

Esta virtude, referida às pessoas, equivale a uma maneira de ser e de aparecer natural e espontânea, sem artifício, sem duplicidade nem malícia, em dizer o que se sente tal como se sente. Neste sentido, une-se à verdade. Mère Guillemin a definia como “a irradiação da verdade em toda uma vida”²⁴. A simplicidade traz consigo a reta intenção.

Esta diversidade de matizes indica-nos que a simplicidade, mais do que uma virtude, é uma maneira da pessoa situar-se e comportar-se diante de si mesma, diante de Deus e diante dos outros. Com relação a si mesma, a simplicidade é coerência de vida, harmonia entre o interior e o exterior, entre o que pensa, o que expressa e o que vive. Com relação a Deus é fazer as coisas buscando somente sua glória, sem segundas intenções que desviem dessa finalidade; é viver abertos e dóceis à ação do Espírito. Com relação aos outros, a simplicidade é fundamento para boas relações interpessoais; sem ela seria impossível a convivência, a comunicação, o diálogo. Aplicada ao estilo de vida, a simplicidade é sobriedade, em oposição a tudo que é sofisticado, supérfluo e magnífico, seja no mobiliário, no vestir-se, na alimentação, etc.

No Evangelho, Jesus louva seu Pai porque se revela aos simples²⁵; declara bem-aventurados os que se fazem crianças, os que são puros de coração, condição necessária para entrar no Reino²⁶; rejeita o juramento porque basta dizer SIM ou NÃO como expressão da verdade²⁷. A recomendação é: “*Sede prudentes como as serpentes, e simples como as pombas*”²⁸.

¹⁹ Mt. 11, 25

²⁰ cf. Lc. 18, 14.

²² cf. Jo. 13, 4-17

²³ cf. Fl. 2, 5-8

²⁴ Mère Guillemin, Palavras e Escritos, Pág 428

²⁵ cf. Mt. 11, 25

²⁶ cf. Lc. 18, 17; Mt. 5, 8

²⁷ cf. Mt. 5, 37

²⁸ Mt. 10, 16

c) A caridade

A caridade é, antes de tudo, a expressão da essência divina: “Deus é Amor”²⁹. E a expressão máxima desse Deus-Amor é seu Filho Jesus Cristo. “Deus tanto amou ao mundo que entregou seu Filho único... não para condenar o mundo, mas para salvá-lo.”³⁰. Por sua vez, Cristo nos deu maiores provas de seu amor ao Pai e por nós, entregando sua vida na cruz³¹.

A caridade é o amor de Deus que o Espírito Santo derramou em nossos corações³². “Amemos a Deus, porque Ele nos amou primeiro”³³. Diante de tanto amor só há uma resposta: amar como Ele nos amou³⁴; amar a Deus com todo o coração, com toda a alma, com todas as forças e ao próximo como a nós mesmos³⁵. “A medida do amor a Deus é amá-lo sem medida” (São Bernardo). E ninguém pode dizer, em verdade, que ama a Deus se não ama aos irmãos³⁶. Seremos julgados sobre o amor³⁷. Amar uns aos outros é o mandamento novo de Jesus e o distintivo pelo qual se conhecerá os cristãos³⁸.

Tanto São Paulo como São João sintetizam toda a mensagem evangélica e sua aceitação por nós, no amor de Deus por nós e no nosso amor por Ele e aos irmãos³⁹.

A humildade, a simplicidade e a caridade em São Vicente.

Quando São Vicente fala às Irmãs dessas e de outras virtudes, serve-se sempre do exemplo de Cristo, porque Ele é a Regra das Filhas da Caridade. Nas explicações que lhes dá, assume a doutrina dos autores clássicos. Vê essas três virtudes intimamente relacionadas com outras que se referem a Deus, ao serviço dos pobres e à vida comunitária, advertindo, ao mesmo tempo, contra os vícios opostos. Como já falamos, a originalidade de São Vicente consiste, sobretudo, na orientação que lhes dá tanto para o fim da Companhia quanto para seu conteúdo. Por isso, apresenta-as mais como virtudes apostólicas do que ascéticas.

²⁹ 1. Jo. 4, 8

³⁰ Jo. 3. 16-17

³¹ cf. Jo. 315, 13; Rm. 5, 8

³² cf. Rm. 5, 5.

³³ 1 Jo. 4, 19.

³⁴ cf. Jo. 13, 34.

³⁵ cf. Mc. 12, 30-31

³⁶ cf. 1 Jo. 4, 20-21

³⁷ cf. Mt. 25, 31-46

³⁸ cf. Jo. 13, 34-35

³⁹ cf. 1. Cor. 13; 1. Jo. 3, 11-18; 4, 7-21

O Fundador considera as três virtudes como qualidades fundamentais para as Filhas da Caridade, de tal maneira que não saberíamos dizer a qual delas ele dá prioridade. Da **humildade** diz que “é a origem de todo o bem que fazemos”⁴⁰; “a base e o fundamento de todas as virtudes”⁴¹; “é a virtude de Jesus Cristo, a virtude de sua santa Mãe”⁴²; “A prova infalível para se conhecer uma verdadeira Filha da Caridade é se ela é humilde”⁴³. Da **simplicidade** diz: “é a virtude que mais aprecio”⁴⁴; “Quanto a mim, deu-me Deus um grande amor à simplicidade, a que chamo o meu evangelho”. Tenho uma particular devoção e consolação em dizer as coisas como elas são”⁴⁵; “Sabeis, minhas Irmãs, onde reside Nosso Senhor? Nos simples”⁴⁶.

Algumas expressões da simplicidade são: dizer as coisas como são; expressar claramente a verdade; usar uma linguagem compreensível para todos; reta intenção no que se faz, “com o olhar voltado somente para Deus”. Mas, ao mesmo tempo, São Vicente é consciente dos desvios que cercam a simplicidade não compreendida. Por isso não esquece a máxima evangélica “*sede simples como as pombas e prudentes como as serpentes*”⁴⁷. Se a simplicidade e a prudência estiverem unidas como irmãs, nem a caridade nem a discrição sentir-se-ão feridas. As Constituições traduzem fielmente como São Vicente compreendia esta virtude: “a simplicidade leva-as (as Filhas da Caridade) diretamente a Deus e confere transparência a seu comportamento”⁴⁸.

A caridade é a “primeira virtude necessária ao vosso espírito”⁴⁹. “Pelo contrário, uma Irmã que não tem caridade... não é Filha da Caridade”⁵⁰. Ela compreende três dimensões: “amor de Nosso Senhor, amor aos pobres, amor entre vós”.⁵¹ Insiste de maneira especial sobre a impossibilidade de separar o amor afetivo a Deus do amor que se torna efetivo no serviço aos pobres⁵². Com outras palavras: “Amemos a Deus, mas que seja com a força dos nossos braços e com o suor do nosso rosto”⁵³. **Amor a Deus:** “qual é, portanto, o espírito de uma Filha da Caridade? É, minhas Irmãs, o amor a Nosso Senhor”⁵⁴. **Amor aos pobres:** “vossa principal ocupação e o que Deus vos pede

⁴⁰ São Vicente, Conferência 15 de Março de 1654, p. 441

⁴¹ São Vicente, Conferência.14 de Julho de 1958. p. 802

⁴² Coste XI, p. 57: extrato de uma conferência sobre a humildade

⁴³ São Vicente, Conferência. 14 de Julho de 1658, p.795

⁴⁴ Coste I; Carta ao Padre Du Coudary, 6 de Novembro de 1634

⁴⁵ São Vicente, Conferência. 24 de Fevereiro de 1653, p. 397

⁴⁶ São Vicente, Conferência. 1º de Agosto de 1655, p. 527

⁴⁷ Mt. 10, 16

⁴⁸ C. 2.3

⁴⁹ São Vicente; Conferência 24 de fevereiro de 1653, p. 393

⁵⁰ Idem, p.393

⁵¹ São Vicente; Conferência de 9 de fevereiro de 1653, p. 391

⁵² cf. São Vicente, Conferência de 9 de fevereiro de 1653

⁵³ Coste XI, 733; trecho de uma Conferência "sobre o amor de Deus".

⁵⁴ São Vicente Conferência de 9 de fevereiro de 1653, p. 391

*particularmente é o grande cuidado em servir os pobres, que são os nossos senhores*⁵⁵. **Amor entre vós:** *“...o amor de uma para com as outras como verdadeiras Irmãs, isto por amor de Deus, de tal maneira que todas sejam como membros dum mesmo corpo e filhas dum mesmo Pai”*⁵⁶.

As expressões de humildade, simplicidade e caridade envolvem outras virtudes com as quais mantêm uma estreita relação: *a humildade conserva a caridade*⁵⁷; *“...se uma Filha da Caridade não tem humildade... não praticará a obediência nem a paciência”*⁵⁸. A simplicidade se traduz pela tolerância, cordialidade, paciência e vem *“acompanhada da justiça”*⁵⁹.

No conjunto de todos os ensinamentos de São Vicente às Irmãs, a caridade é a virtude que prevalece sobre as demais. Entre os sinais que permitem identificar uma Filha da Caridade, o fundador afirma: *“Primeiramente, ser na verdade caridosa”*⁶⁰. É o que explica também a insistência com que lhes pede que sejam fiéis e coerentes com o nome que Deus lhes deu: Filhas da Caridade, filhas de Deus-Amor.

Algumas expressões atuais das três virtudes específicas

As virtudes da humildade, da simplicidade e da caridade são hoje o mesmo que eram ontem. Por isso, a primeira preocupação das Filhas da Caridade será a de estarem revestidas do espírito da Companhia. Se forem humildes, simples e caridosas expressá-lo-ão nas novas situações que a vida e a cultura atual lhes apresentam. A atitude interior evangélico-vicentina será a mesma; o que muda são as situações, e por isso mesmo, a maneira de encarnar essas virtudes.

É verdade que o contexto cultural e a mentalidade de hoje se chocam de frente com o conteúdo da humildade, simplicidade e caridade. De certo modo, estas virtudes são contra-culturais, porém, é através delas que a Companhia pode exercer sua função profética.

Face ao desejo de poder, de triunfo e de honras, **a humildade** se torna incompreensível e desprezível. Diante de uma cultura de desperdício, de artificialidade e preocupada em cuidar da própria imagem, e onde a verdade é subordinada a interesses econômicos e políticos, **a simplicidade** é relegada àqueles que não têm possibilidades de gastar ou para aqueles que continuam acreditando, ingenuamente,

⁵⁵ São Vicente; Conferência de 14 de junho de 1643, p. 77

⁵⁶ São Vicente; Conferência de 4 de março de 1658, p. 755

⁵⁷ São Vicente; Conferência de julho de 1658, p. 797

⁵⁸ São Vicente; Conferência de julho de 1658, p. 799

⁵⁹ Coste II, 48; Carta a François. du Coudray, 17 de junho de 1640

⁶⁰ São Vicente; Conferência de 24 de fevereiro de 1653, p. 395

que a autenticidade é um grande valor, maior que a aparência. Em uma sociedade secularista e individualista, **a caridade** como abertura-resposta a um Deus-Amor e aos outros como irmãos, não deixa de ser um assunto intimista e altruísta. Ela é falsa, se considerada como uma maneira de fazer calar a consciência, de partilhar as migalhas com as vítimas dos sistemas egoístas e injustos, ou, ocasionalmente, correndo em ajuda dos que sofrem catástrofes naturais que, quase sempre, recaem sobre os mais pobres.

Porém, na cultura e sensibilidade de hoje, há também situações e valores com os quais as virtudes de humildade, simplicidade e caridade, podem estar em estreita relação e ao mesmo tempo constituir-se em “terapia evangélica alternativa”, frente aos contra-valores. Por isso, pode-se perguntar: Como as Filhas da Caridade continuarão sendo fiéis a seu espírito, na cultura atual e nas novas situações em que vivem? Que gestos traduziriam, hoje, essas virtudes?

Enumeremos algumas das novas situações e as possíveis expressões da humildade, simplicidade e caridade:⁶¹

Expressões atuais da humildade

A humildade pode exprimir-se:

- Na abertura à ação do Espírito, numa dependência confiante em Deus, sem auto-suficiência nem supervalorização, ao mesmo tempo, que numa estima e cultivo dos valores pessoais.
- Na preferência pelos verdadeiramente pobres e na disposição de lhes prestar os serviços que outros recusam.
- Na realização dos serviços confiados, visando antes ao bem dos outros do que a própria realização e reconhecimento.
- Na conquista de uma capacitação profissional para melhor servir os pobres, sem que isso suscite sentimentos de superioridade frente a outros colaboradores e aos pobres.
- Na colaboração com os leigos em plano de igualdade, e, por vezes, numa situação de inferioridade.
- Na aceitação das limitações e fraquezas pessoais, comunitárias e provinciais, reconhecendo ao mesmo tempo os valores e êxitos dos outros.

⁶¹ cf Padre Maloney. *Escutai o clamor dos Pobres*. p. 194-199; 206-211. Padre Flores. *Revestir-se do espírito de Jesus Cristo*, p. 87-100

- Na serenidade diante das provações, fracassos e privações que a vida vai apresentando.
- No exercício da autoridade como serviço, sem impor a própria opinião, mas chegando às decisões, através do discernimento comunitário e com os pobres.

Expressões atuais da simplicidade

A simplicidade pode exprimir-se:

- Na fidelidade à palavra dada, buscando uma progressiva coerência e harmonia entre o que se diz e o que se faz, entre os compromissos assumidos e sua vivência; em outras palavras, viver na verdade.
- Na reta intenção, buscando em tudo unicamente a glória de Deus e o bem dos pobres, sem segundas intenções.
- Na partilha do que se pensa, graças a um diálogo franco e fraterno, sem que seja necessário “ler nas entrelinhas” e ao mesmo tempo, respeitando as opiniões contrárias.
- Na comunicação sincera, especialmente, quando necessitamos da ajuda dos outros.
- No fato de não temer a verdade, denunciando situações injustas que atentam contra a verdade e os direitos dos pobres.
- No estilo de vida simples e sóbrio, vivendo feliz com o necessário, sentindo-se da classe social dos pobres.

Expressões atuais da caridade

A caridade pode exprimir-se:

- Na motivação que impulsiona a dar-se aos outros e a servi-los. A Filha da Caridade não deveria ter outra motivação que a “eminente dignidade dos pobres”, e o convencimento de que o que fazem a um dos mais pequeninos é a Cristo que o fazem. Somente assim será possível servi-los com ternura, respeito, constância e devoção.
- Na reivindicação da caridade, freqüentemente desprestigiada sob o pretexto de priorizar a justiça. A caridade ultrapassa a justiça. Estas duas virtudes não se opõem, completam-se, evidentemente, contanto que a caridade não seja cúmplice de injustiças nem

apenas uma humilhante esmola para os pobres: *“Deus nos concederá a graça de sensibilizar nossos corações em favor dos pobres e de pensar que os ajudando praticamos a justiça e não a misericórdia”*⁶².

- Na evangelização dos pobres para que descubram que são os preferidos de Deus e os primeiros destinatários de seu Reino. Para São Vicente, o zelo apostólico é a chama da caridade⁶³. A evangelização, hoje, inclui fomentar “a cultura da solidariedade” e a “civilização do amor”, aspectos impulsionados pelas encíclicas sociais do Papa João Paulo II.
- Na humanização da técnica, dando prioridade à atenção personalizada.

As Constituições souberam também sintetizar o pensamento dos Fundadores e atualizar as manifestações do espírito da Companhia. Ao apresentar as três virtudes dizem:

- *a humildade torna-as conscientes de sua própria indigência, diante do Senhor; aproxima-as do Pobre, mantendo-as em atitude de servas.*
- *a simplicidade leva-as diretamente a Deus e confere transparência a seu comportamento.*
- *a caridade a que são chamadas é a mesma de Cristo Jesus que as impulsiona a ajudar todas as pessoas a realizarem sua vocação de filhos de Deus*⁶⁴.

Conclusão

No final da segunda conferência *“sobre o espírito da Companhia”*, São Vicente responde a duas possíveis objeções que poderiam ter-lhe sido feitas pelas Irmãs: *“Podereis dizer-me: “Mas, Senhor, não devem todos os cristãos ter essas três virtudes? Sim, minhas Irmãs, mas as Filhas da Caridade devem ser mais cuidadosas na sua prática. Quem vos vir, deverá conhecer-vos por essas virtudes... “Mas, Senhor, não estamos obrigadas à prática de todas as outras virtudes?” Sim, estais obrigadas a praticá-las, mas duma maneira particular estas três; o céu e a terra vos pedem isto.”*

As Constituições afirmam que essas virtudes evangélicas *“são o caminho através do qual as Filhas da Caridade devem deixar-se*

⁶² *Coste*, VII, 98; Carta ao Padre Fermin Get, 8 de março de 1658

⁶³ cf. *Coste*, XII; Conferência de 22 de agosto de 1659

⁶⁴ C. 2. 3

*conduzir pelo Espírito Santo... as disposições que as aproximam dos mais desfavorecidos*⁶⁶.

O espírito da Companhia suscita e sustenta nas Filhas da Caridade sua atitude fundamental de servas de Cristo nos pobres. As Constituições explicam em que consiste esta atitude: *“na prática das virtudes de seu estado: humildade, simplicidade e caridade*⁶⁷. *As diferentes situações nas quais as Filhas da Caridade, hoje, vivem, oferece-lhes a oportunidade de encarná-las em novas expressões. Ontem e hoje, a espiritualidade das Filhas da Caridade é uma “espiritualidade de servas”.*

Padre Fernando QUINTANO
Diretor Geral

Testemunhos da Família Vicentina

Um acontecimento surpresa... Irmã Milcent, Filha da Caridade

Sessão de Arquivistas da Igreja da França
17 de outubro de 2002

No contexto do tema de estudos das jornadas da Associação de Arquivistas da Igreja da França **“A Lei de separação e o sistema concordatário”**, foi possível lembrar um fato do início do século XX.

Em outubro de 2001, aparecia nas Edições Dom Bosco, o Dicionário Histórico da Educação Cristã. A Companhia das Filhas da Caridade figura na página 280. Nela, lê-se o seguinte: *“No final do século, as leis promulgadas por Jules Ferry provocam a laicização dos estabelecimentos mantidos pelas Congregações. As Escolas ‘livres’ são então dirigidas pelos pais e amigos; esta situação de “liberdade” relacionada ao Ensino Público exige que diretrizes precisas “sejam*

⁶⁶ C. 1. 10

⁶⁷ C. 2.9 § 4

dadas às Diretoras e aos professores, para que se adaptem aos programas oficiais, conservando ao mesmo tempo a liberdade pedagógica. Em 1894, aparece então um Novo Manual para as escolas das Filhas da Caridade, seguido alguns anos mais tarde pela edição do Curso simultâneo – nove volumes -, três para cada nível, contendo todo o programa, enorme trabalho de precisão e de perfeição pedagógica, da qual Irmã Milcent foi a mestra de obra”.

Quem é Irmã Milcent? Luísa Maria Teresa Milcent nasceu em 1855. Seu pai, médico homeopata, exercia a profissão, em Paris, com profundo espírito cristão e plena abnegação. Na família, seis crianças, cinco meninos e uma menina, Luísa Maria Teresa, a quem chamavam habitualmente Maria. O filho mais velho herdou o sentido de autoridade, e mais ainda a abnegação de seu pai.

Em 1879, Maria tem 24 anos. Alma reta, de uma delicadeza que chega ao escrúpulo, sempre ávida de perfeição, ela procura o seu caminho. O amor pelos pobres e o desejo de trabalhar por eles a inclinam naturalmente para a família de São Vicente.

Maria Milcent será Filha da Caridade. Postulado, Seminário, tomada de hábito. Em janeiro de 1884, Irmã Milcent chega à Casa de Caridade da Paróquia São Pedro de Montmartre, rua Caulaincourt, com o nome de Irmã Josefina, para aí dar aula e ocupar-se do Educandário. Gostava do ensino como meio de formação, como uma maneira de educar as almas em todos os sentidos da palavra. No Educandário, revela-se esplêndida organizadora das sessões ao ar livre. Nos dias de festa, transforma-se em cozinheira: no pátio, faz saltar os crepes, fritar os bolinhos... Através desses trabalhos originais, Irmã Milcent irradia uma profunda piedade.

Agosto de 1890: Uma reviravolta em sua vida.

Ela é chamada pelos Superiores para o Secretariado e encarregada do Bureau das escolas. Diante das dificuldades cada vez maiores nos exames escolares, o Conselho da Companhia das Filhas da Caridade decide elevar o nível de estudos e unificar o ensino e a direção de todas as escolas confiadas às Irmãs de São Vicente de Paulo.

Irmã Milcent fica encarregada desta tarefa de unificação, com a ajuda de colaboradores de alta competência. Dedicar-se resolutamente à tarefa e atualiza, com uma arte extrema, uma série de manuais escolares, redigidos segundo os programas da cidade. Como boa pedagoga, Irmã Milcent acrescenta toda uma organização de inspeção, de exames periódicos e outros procedimentos para manter o estímulo entre os alunos. Monsenhor de Cormont, na época Diretor, em Paris, do Ensino Diocesano, recorre à Irmã Milcent para o estabelecimento dos exames das escolas cristãs.

Aqui temos o acontecimento-surpresa... 1904: as escolas religiosas, condenadas pela lei laica, vão sendo fechadas uma após outra. Embora o trabalho escolar a absorvesse muito, ele, no entanto, possibilitara à Irmã Milcent, havia dois anos, estabelecer bases para outros caminhos. Desde 1902, no dia 14 de Setembro, Irmã Milcent fundara seus primeiros sindicatos profissionais femininos. No começo, encontrou oposições, porém, seu senso agudo das necessidades do seu tempo, fê-la prosseguir. Aliás, apoiou-se na rocha, inspirando-se na Encíclica *Rerum novarum*, promulgada pelo Papa Leão XIII.

Os inovadores de seu tempo, eminentes católicos, como Raul Jay, jurista, membro do Conselho Superior do Trabalho; Henrique Lorin, um dos fundadores das Semanas Sociais da França; o Conde Alberto de Mun, animaram-na em suas iniciativas.

Irmã Milcent fala-lhes dos ditos projetos, recebe seus conselhos e os “reúne” ao Conselho de Iniciativa, que ela estabeleceu. Decididamente, funda em Paris, na rua de l’Abbaye, os três primeiros sindicatos femininos: Sindicato das Professoras particulares – Sindicato das Empregadas do Comércio e da Indústria – Sindicato das Operárias de Confecção.

Aos três primeiros, rapidamente se unem, em 1904, o do pessoal do serviço doméstico; em 1909, o dos acompanhantes de doentes; em 1913 o das donas de casa. A eles oferece toda uma série de serviços anexos: escola doméstica normal, fundos de aposentadoria, atelier para desempregados, restaurantes, casas de descanso... Depois, fundam-se Sindicatos para operárias da Indústria Têxtil e da Perfumaria, enquanto nos Estados, particularmente em Lyon, organizam-se outros grupos paralelos.

Estes Sindicatos são colocados sob a proteção de Nossa Senhora da Medalha Milagrosa. Irmã Milcent acredita na proteção de Maria e não hesita em deixar aos leigos a direção, embora os estimulando. A fundadora reserva para si apenas as conferências destinadas a formar o espírito sindical e de solidariedade; mas, permanece próxima da ação, pronta aos gestos que facilitem as relações, sempre disposta a se informar junto às pessoas competentes e participando do trabalho sindical, através de conselhos e da oração. Na casa onde agrupou os documentos de obras e de apostolado, Irmã Milcent deixou abertos em sua mesa de trabalho, um perto do outro, o Evangelho e a Encíclica *Rerum Novarum*. Neles, ela haure força para realizar seu ideal: a reconstrução cristã do lar pela educação social da mulher.

A Igreja de Paris não permanece indiferente a este apostolado, tão caro à Irmã Milcent. A Semana Religiosa de Paris, de 3 de maio de 1919, publica: “Na sua sessão de 26 de abril último, a **Academia de Ciências morais e políticas** concedeu à Irmã Milcent, Filha da Caridade, fundadora dos sindicatos femininos da rua de l’Abbaye, o

Prêmio Tanesse, no valor de 3000 francos, destinados à pessoa que, nestes três últimos anos que precederam o concurso, mais contribuiu para melhorar a condição da mulher, seja por escrito, seja através de obras: é o reconhecimento merecido pelos longos e laboriosos esforços, hoje coroados de sucesso”.

O início dos trabalhos dos três primeiros sindicatos

Irmã Milcent é a alma fundadora e animadora desta obra, porém, sabe ceder lugar aos outros. A 14 de Setembro de 1902, ocorreu a primeira reunião do Comitê de Iniciativa dos Sindicatos das Professoras de Escolas Particulares – das empregadas do Comércio e da Indústria e das Operárias da Confecção, em Paris, na rua l'Abbaye, nº 14, sob a presidência do Senhor Doguin, assistido pelos Senhores Perrin, Paulo Verdin, Rondelet e Guillebert. Estão presentes os representantes dos três grupos profissionais, que aspiram reunir-se em sindicatos.

O Senhor Guillebert expõe o objetivo e as vantagens dos sindicatos profissionais. Ele mesmo convida os presentes a lembrarem que o grande objetivo perseguido pelos católicos, na organização dos sindicatos deve ser levar a idéia de Deus ao trabalho, idéia muito esquecida e muito desconhecida na França, há mais de cem anos.

O Senhor Guillebert traça o histórico das recentes conquistas das mulheres, na legislação. Termina propondo aos sindicatos nascentes de caminharem juntos na direção de um objetivo comum: organização do trabalho, para a paz, para o bem e, por conseguinte, para Deus. Fez-se a leitura dos estatutos, que depois de um intercâmbio, são aprovados.

O Senhor Rondelet pronuncia algumas palavras sobre a necessidade de inspirar-se nas diretrizes pontificais, para a organização profissional. Propõe, aos futuros Conselhos dos sindicatos, abrir sempre suas sessões pela leitura de uma passagem das encíclicas de Leão XIII, referentes a questões sociais. Cada um dos sindicatos é então convidado a eleger seu Conselho.

Após esta primeira reunião oficial, Irmã Milcent publica o jornal mensal “Colméia Sindical – Órgão das trabalhadoras federadas”. Um slogan, ou uma citação serve de entrada para a matéria: “Amai-vos uns aos outros” – “Viva o trabalho” – “A união faz a força”. Eis os esclarecimentos:

“A modesta revista que nasce hoje, sob o nome de “Colméia Sindical”, é destinada a divulgar entre as trabalhadoras cristãs a idéia de associação e da ajuda mútua, ao mesmo tempo que para apresentar às associadas ausentes as notícias interessantes dos sindicatos”.

“O primeiro número é dedicado à prestação de contas das reuniões que prepararam e realizaram a constituição dos nossos sindicatos femininos. Acreditamos que a publicação desses documentos é o melhor meio de fazer compreender e saborear, nos ambientes católicos, a idéia sindical, dar a conhecer o que, com a ajuda de Deus, queremos ser e fazer”.

Rogamos, insistentemente, às pessoas que receberem este fascículo de tomar conhecimento da totalidade dos documentos que o compõem e de fazer deles uma boa propaganda”.

O que pensavam os Superiores?

Em dezembro de 1917, a pauta da reunião das Visitadoras mencionava para o 2º dia:

09h00 : Festa patronal dos sindicatos - Reunião na Capela e missa com alocução.

13h30 : Representação da entreatajuda sindical, à rua de l'Abbaye.

16h30 : Intercâmbio com o sindicato.

Irmã Milcent foi chamada para falar sobre o papel exercido pelos sindicatos. Vários pontos foram tratados:

- A semana-inglesa e fixação da tarifa das horas suplementares;
- O valor profissional dos adeptos, assegurado pelos cursos;
- A administração de um sindicato ;
- A formação com a cooperação de pessoas competentes, para se imbuir da idéia sindical.

O que as Irmãs podem fazer?

- emprestar um local, fora das dependências da Comunidade, para os cursos dos sábados à tarde, ou do domingo;
- incentivar as jovens de suas oficinas de trabalho, que tenham mais de 16 anos a sindicalizarem-se.

Ao terminar seu relatório, Irmã Milcent esclarecia: “sob o ponto de vista da influência católica, assinalamos que dois membros dos sindicatos católicos fazem parte do Conselho Superior do Trabalho”.

Com efeito, é preciso constatar que os poderes públicos mantêm relações com nossas associações profissionais, porque são legalmente bem constituídas e absolutamente no mesmo nível que as do Tribunal do Trabalho... Ora, nas eleições do Conselho Superior do Trabalho, no Conselho do Tribunal Profissional, etc, cada sindicato tem um número de votos proporcional ao número de seus adeptos, mas, só são contadas como tais as que pagaram sua contribuição. Quem não veria a

importância de um recrutamento sindical sério, que introduziria, deste modo um elemento católico, influente, no mundo do trabalho?

Logo, os resultados obtidos mostram-se muito positivos. Os sindicatos da rua de L'Abbaye - 10000 membros – foram ouvidos, por intermédio de seus delegados, nos Gabinetes do Ministro do Trabalho, do Ministro do Comércio ou dos Diretores de para o estabelecimento da semana-inglesa. Enfim, eles são consultados para a criação de uma caixa para desempregados e tarifas aplicáveis às horas de derrogação e se preparam para dar seu parecer sobre os projetos de lei concernentes à aprendizagem e ao ensinamento profissional...” fim de citação.

Em 1921, Irmã Milcent deve sacrificar seu ofício sindical e se voltar para a ajuda às trabalhadoras a domicílio, de quem já se ocupa há muito tempo. Durante a Primeira Guerra Mundial, ela fazia parte do “socorro nacional”, junto do Senhor Appel, do Grande Rabino e do Arcebispo de Paris. Seu coração sofria terrivelmente ao ver as mães de família com olheiras e com o rosto enrugado devido à vigílias prolongadas. Às vezes teve contrariedades, ocasionadas por sua grande bondade, porém, as piores aventuras nunca chegaram a esgotar sua caridade. Quando faziam alusão a isso, respondia: *“Prometi ao Bom Deus, jamais falar nesse assunto”.*

No dia 21 de fevereiro de 1927, participa de uma reunião na sala super aquecida da prefeitura. Ao regressar, põe-se ao trabalho numa sala sem aquecimento. Isto lhe provocou uma congestão pulmonar. Querem salvá-la, mas é demasiado tarde. A 24 de fevereiro, às quatro horas da manhã, volta à Casa do Pai. Seu enterro foi o triunfo da humildade.

Irmã Claire HERRMANN
Filha da Caridade

- Fonte das Pesquisas:

- Arquivos da Companhia das Filhas da Caridade – caixa Sindicatos
- Semana Religiosa de Paris de 1919
- Notícia das Irmãs falecidas de 1928

Província de Nápoles

Juntos para lutar contra a fome

No dia 25 de maio de 2002, a cidade de Casarano (Lecce) viveu um tempo forte de festa e de comunhão em torno de um dos grandes problemas da humanidade: “A Fome no Mundo”. Esta jornada, organizada para lançar este projeto, permitiu às Associações Educativas locais comprometerem-se a desenvolver juntas uma “cultura de solidariedade” e continuar o caminho traçado desde 27 de Setembro de 2001 pela família vicentina, a Igreja e a administração municipal.

Como os destinatários preferidos, embora sem exclusividade, eram os jovens, a primeira comunicação depois da dirigida às Paróquias, foi destinada aos institutos escolares. A Família Vicentina de Casarano, formada pelo grupo de voluntariado vicentino, de Filhas da Caridade, da Associação dos grupos de Juventude Marial, bem como pelos professores e pais das crianças da Escola Infantil Municipal São João Elemosiniere, acolheu o desafio lançado pela carta do Superior Geral, Padre Maloney, à família vicentina, a 10 de Julho de 2001, mobilizando-se para a **“Globalização da caridade: luta contra a fome”**.

A administração municipal de Casarano acolheu este apelo e se esforçou por buscar meios para interessar as diversas escolas da

cidade, bem como vários outros grupos. Comprometeu-se em assumir as despesas dos dois dias de festa: a primeira, prevista para propor o projeto à cidade; a segunda, para encerrar a operação.

Após definir o caminho a seguir, passou-se à fase de difusão e de compromisso de todas as organizações educativas locais: paróquias, escolas, grupos e associações de todo tipo, com a intenção de formar para uma cultura de solidariedade, evitando que esta não se limite apenas a um momento especial, ligado ao evento.

Um Projeto articulado

Os objetivos foram determinados da seguinte maneira :

- Sentir-se responsável pela pobreza do Terceiro Mundo e intervir de uma maneira concreta para melhorar esta situação.

- Responder ao projeto mundial da família vicentina, visando promover e apoiar um centro de aprendizagem na República Democrática do Congo.

- Criar uma “cultura de solidariedade”, sensibilizando as consciências para os problemas humanitários, a fim de suscitar atitudes de gratuidade e de partilha.

Como os destinatários eram as escolas, as Paróquias e os diversos grupos, o tema do projeto foi: “Um Pão para os Pobres”.

Quem adere a este projeto, compromete-se com reservar o valor de um pão, durante um período de tempo estabelecido, a fim de financiar o centro de aprendizagem da missão vicentina da República Democrática do Congo.

Para a realização do mesmo, foram previstas várias fases:

- de setembro de 2001 a abril de 2002: difusão do projeto,
- maio de 2002: festa da apresentação do projeto aos habitantes da cidade, em união com a festa patronal,
- de maio de 2002 a setembro de 2003: realização das diversas atividades,
- em maio ou setembro de 2003: festa de encerramento.

Rever o caminho percorrido é uma ação muito importante, para que o entusiasmo do começo se enriqueça de grande confiança na Providência, que não cessa de guiar a caminhada de cada um. Com efeito, os primeiros convites enviados às diversas escolas, por intermédio das convocações do conselho da cidade e dirigidas aos

representantes das escolas e a seus professores, pareciam ter caído num deserto. Mas, no final, a tenacidade e a esperança prevaleceram, obtendo-se a adesão de quase todas as escolas da cidade.

A 11 de maio de 2002, tudo estava pronto para a festa: panfletos, logotipo, estrado na praça. Surgem então os contratemplos atmosféricos. A chuva impede a realização da reunião, porém, este contratempo não diminuirá a boa vontade de todos. O prefeito propõe transferir a reunião para o dia 25 de maio, a fim de que o programa possa desenvolver-se como previsto. Lúcia Tedesco, responsável regional da Juventude Vicentina, convidada para a ocasião, está de acordo; entretanto, sente não poder participar do próximo encontro, por causa dos seus compromissos, na mesma data, no Conselho Nacional, em Roma.

A Festa

Chega o dia esperado, e mesmo com o tempo incerto, a festa começa às 9h30 e, progressivamente, os raios de sol atravessam, as nuvens ameaçadoras.

A representante da Família Vicentina, Paola Bandiello, saúda todas as pessoas presentes e agradece à administração municipal por sua ajuda assídua e constante durante toda a preparação. Seu agradecimento estende-se também aos padres ali reunidos e aos chefes de estabelecimentos escolares pela presença de seus alunos. Em seguida, o prefeito, Remigio Venutti felicita a Família Vicentina pela grande iniciativa humanitária e social que levou toda a cidade à realização concreta de solidariedade. O pároco da igreja “Mãe”, Dom Agostino Bove, expressa sua alegria pela presença de numerosas crianças e jovens, os preferidos de Jesus, que conseguiram transmitir a todos o sentido da festa, da partilha e da sensibilidade para com os pobres.

Depois, Rosalba Gargiulo, presidente do grupo de ensino da região de Pouilles, ilustra o projeto da Família Vicentina: apresentam-se então, de maneira sucinta, os diversos ramos, para dar a conhecer sua riqueza e sua dimensão, seu lugar na sociedade e entre os órgãos humanitários em nível mundial.

O programa se desenvolve alternando poesias e cantos, danças e tamborins, fazendo uma “simbiose” entre o Salento e a África; é um cintilar de trajés e de cores. Uma representação do bem e do mal expressa muito bem as sombras e luzes sempre presentes na vida de todo homem. Depois, é a natureza que traz a harmonia de suas estações, enquanto os cantos “*Acrecenta um lugar à mesa*”, e o da “*Corrente do Amor*” exigem alegria e pão para todos os habitantes de terras longínquas que passam fome. A banda de música do I.P.S.I.A. abre e encerra o espetáculo.

Durante a festa, chega o primeiro cheque, do Instituto Público Polo nº 4, oferecido pelo Diretor, Dr. Giglio Del Salve, à família vicentina: este dinheiro é fruto de uma iniciativa: *“uma merenda em troca de um sorriso”*, realizado por um grupo escolar, o primeiro a redigir o seu próprio projeto.

Certamente, globalizar a luta contra a fome não é um empreendimento fácil, sobretudo, se nos propomos a “ensinar a pescar, em vez de dar o peixe”, mas a iniciativa de Casarano é um pequeno passo para chegar a um objetivo maior. Concluimos com as palavras da poesia recitada por uma criança da escola municipal de São Giovanni Elemosiniere: *“O dia em que não houver mais fome, será uma data para guardar na memória... Será então o dia mais lindo da História!”*.

Um bolo para ti

Querem um pequeno exemplo? Uma menininha de 4 anos, Irene Nicolazzi, renunciou a seu bolo de aniversário e ofereceu o equivalente para as crianças da República democrática do Congo. Guardemos este exemplo!

Extrato da revista “Vincenziana informazione” [nº 7 – 2002]

Testemunhos

Província do Rio de Janeiro

***Escola Rural São Vicente de Paulo
800 alunos - Campo Grande
(20 adolescentes da J.M.V.)***

“É preciso passar do amor afetivo ao amor efetivo”,
nos diz São Vicente.

O projeto “**Globalização da Caridade: Luta contra a Fome**” foi assumido com garra e entusiasmo por toda a comunidade educativa da Escola Rural São Vicente de Paulo.

Na reunião pedagógica, de início de ano, a idéia empolgou o corpo docente que se mobilizou para concretizá-lo. Reunidos por área e com o apoio do ensino religioso, os professores se empenharam em elaborar pequenos projetos a serem desenvolvidos durante o ano letivo. Nenhuma disciplina ou turma ficou à margem.

No dia 15 de março de 2002, festa de Santa Luísa, o Projeto “Globalização da Caridade: Luta contra a Fome” foi lançado para toda a escola.. A reunião de Pais e Mestres foi o momento de conscientização das famílias, sobre o drama da fome e os objetivos do projeto “Pequena Formiguinha”.

A idéia lançada foi a faísca da caridade que se alastrou rapidamente, incendiando toda a comunidade educativa. A partir daí a escola se mobilizou, alargando seu conhecimento sobre a vida de São Vicente, aprofundando o sentido da caridade, pesquisando, debatendo as causas da fome, flagelo que atinge todo mundo e tem repercussões visíveis em nossa realidade.

Todas as turmas desde a classe de alfabetização às oitavas séries se empolgaram, ampliando as idéias propostas pelos professores, criando sem parar... E os pequenos objetivos começaram a pipocar.

Projeto “Formiguinha”

Criado pelas sextas séries em conjunto com a J.M.V. da escola. Todos os alunos se propuseram a economizar o equivalente a um chiclete (0,10 Real)¹ uma ou duas vezes por semana e a depositar este tesouro num cofrinho, deixado na sala. De dois em dois meses o cofre é aberto e o dinheiro arrecadado revertido em alimento para os pobres cuja entrega é feita pelos alunos envolvidos no projeto.

Sem fome e sem lixo

Liderado pelo Marial e as sextas séries, o projeto consiste na coleta de material reciclável : jornais, revistas, livros velhos, plásticos, etc. todo esse material é trocado por víveres e distribuído a pessoas carentes.

Campanha de quilos: assumida por diversas turmas.

Semana vicentina

Desde o lançamento do Projeto Globalização da Caridade, em março, muitas atividades foram realizadas, preparando assim a festa do

¹ (1 dólar = aproximadamente 3,60 reais)

patrono da escola. De 22 a 28 de Setembro, intensa programação proporcionou a culminância de vários pequenos projetos.

22 de setembro: Missa no Santuário da Medalha Milagrosa, na Tijuca – Rio de Janeiro.

Contamos com grande interesse da comunidade educativa em se fazer representar na grande celebração da Família Vicentina. Pais, funcionários, professores, alunos, membros da J.M.V., todos participaram da procissão de entrada, ostentando o mesmo painel que liderou o pelotão da “Globalização da Caridade – Luta contra a Fome”, durante o desfile cívico, em homenagem à Pátria, realizado na região de Campo Grande.

23 de setembro: Conferência

Palestra para os maiores, promovida por um ex-aluno. “Drogas por quê? A vida vale mais!” Sejam solidários, unindo forças contra esse flagelo que assola o mundo, atingindo cruelmente a juventude. Descubramos nossos caminhos. “O amor é inventivo até o infinito”.

24 setembro: Teatro “O brilho da Caridade”

Um aluno da 8ª série escreveu a peça, que foi encenada com muita arte pelos colegas da turma, sob a coordenação da professora de Português. O texto enfoca o problema da fome, originado do desemprego e ressalta o valor da solidariedade. Um adolescente se lança em campo a fim de conseguir alimento para uma família em dificuldade, mobiliza os colegas e também os pais até conseguir trabalho para o pai desempregado. A peça termina mostrando os filhos da família, já realizados como profissionais, criando ONGs pelo país, multiplicando assim agentes da caridade vicentina. Os alunos da 7ª série mostraram o drama do menor abandonado e a 5ª série cantou a paz gerada pelo amor e a solidariedade. O ingresso foi um Kg de alimento. A idéia do teatro foi um sucesso. Apesar de ser facultativo, mais de 90% dos alunos estiveram presentes, felizes, bem atentos à mensagem dos colegas.

25 de setembro: Exposição de cartazes e feirinha de São Vicente.

A área de Geografia e História se encarregou dos cartazes e dados estatísticos mostrando a fome, suas causas e conseqüências, seu crescimento no mundo e no Brasil. Os pequenos da Classe de Alfabetização à 4ª série, ajudados pelas professoras de informática, prepararam mensagens sobre São Vicente, em forma de marcadores de livros, para serem distribuídos aos visitantes. A feirinha de São Vicente, visando angariar fundos para a compra de alimentos, para famílias

carentes, despertou interesse extraordinário de toda escola. A professora de Ciências das 5ª séries trabalhou com os alunos sobre a importância da alimentação alternativa. Em recipientes bem ornamentados, expuseram uma variedade de alimentos, confeccionados com a ajuda das mães e distribuíram receitas fáceis e úteis... Comida gostosa e barata, quem não quer? Também as professoras de Educação Artística ensinaram e os alunos confeccionaram uma variedade de coisas, utilizando sucata. Tudo muito bonito! A informática usou sua criatividade na composição de objetos vistosos e originais. O Projeto da feirinha de São Vicente visava atingir primeiramente os alunos, por isso o preço estava ao alcance de todos (de R\$ 0,10 a 1,00). Num segundo momento seria aberto também à comunidade educativa. Mas a explosão de interesse, logo no primeiro dia, esvaziou o estoque. Os pequenos da 5ª série deliravam a cada moeda arrecadada. Conseguiram reunir R\$ 200,00 e planejaram a compra de alimentos e o dia da entrega aos destinatários.

26 de setembro: Celebração “Com São Vicente, acolhendo a Palavra de Deus”

“*Dai-me um homem de oração e ele será capaz de tudo*”, ensinou São Vicente. Formar os jovens e as crianças é uma questão de honra para toda a escola vicentina. Durante todo o mês de Setembro a ERSVP teve cada dia um versículo da Bíblia para interiorizar. Todos os professores foram convidados a iniciar sua aula, repetindo essa Palavra e dando sua própria interpretação. Dia 26 foi o coroamento e a preparação imediata para a Festa de São Vicente. Todas as turmas, da Classe de alfabetização à 8ª série, tiveram seu tempo de oração na capela, com base no roteiro: “Com São Vicente acolhendo a Palavra de Deus”.

27 de setembro: Festa de São Vicente, Patrono da Escola.

Dia abençoado, culminância de todo um percurso de fé, de trabalho de conscientização, de prática concreta da caridade. Hora de colocar sobre o altar do Senhor o agradecimento pelas lições aprendidas do “Pai dos Pobres”, pelas atividades realizadas, nos passos do grande São Vicente.

Pela manhã, Eucaristia, presidida pelo nosso Diretor Provincial, Padre Geraldo Barbosa. Toda a comunidade educativa foi convidada e os alunos vieram numerosos. Também amigos vicentinos da nossa e de outras paróquias vieram juntar-se a nós, na celebração de nosso Pai comum. Padre Geraldo, com sua peculiar simplicidade e sua fina psicologia, aproveitou cada gesto, cada mensagem, cada palavra ouvida para valorizar a participação da garotada.

À tarde, foi a vez dos pequenos festejarem São Vicente. Empolgados pelo que ouviram falar desse homem de Deus, buscaram

reproduzir seus gestos através de desenhos e de pequenas frases brotadas do coração.

Na quadra da escola, aconteceu a festa: celebração da Palavra de Deus e encenações variadas, reproduzindo a vida do santo. No final, cada aluno repetiu o gesto do Pai da Caridade, colocando sob seus pés um quilo de alimento: gesto de amor e carinho, lição de solidariedade aprendida.

Mais uma vez, comprovamos a convicção: São Vicente é ainda um santo para hoje, capaz de atrair jovens e crianças. Vejam: um pequenino, ao contemplar o mural sobre São Vicente, exclamou entusiasmado: “Quando eu crescer quero ser como São Vicente. Tudo de bom esse homem tem!”

28 de setembro: Com São Vicente, os Pobres e nós .

Os maiores de 7ª e 8ª séries, orientados pelas professoras de Ciências, História e Ensino Religioso prepararam uma festa para as famílias assistidas, através do dispensário da Escola. Apesar de 28 de Setembro ser um sábado, lá estavam eles numerosos, felizes. No auditório, dançaram, cantaram e encenaram passagens bíblicas. Logo após, ofereceram lauto almoço aos presentes. Congregados na mesma mesa da fraternidade e da partilha sentaram-se alunos, funcionários, pobres, professores, irmãs, vicentinos e amigos diversos, sob o olhar do Pai da Caridade.

Ao concluir esta modesta apresentação, feita com o objetivo de partilhar com outras escolas vicentinas e com toda a Família Vicentina as alegrias dos frutos colhidos na ERSVP, na busca de caminhar nos passos do seu Patrono, somos impelidas, a exclamar como São Vicente: “Deus seja louvado! Deus seja bendito”!

Irmã Rosalie CARVALHO
Filha da Caridade

Notícias da Capela

À conquista do ciberespaço!

Num céu azul escuro, no mapa-múndi, suavemente, algumas medalhas aparecem e desaparecem, em todos os continentes, iluminando a noite com uma luz fugitiva, enquanto se ouvem as notas sonoras da invocação que a Virgem Maria ensinou à Irmã Catarina, em nossa Capela da rua do Bac... Desde então, em todos os computadores do mundo, em francês, português, espanhol, inglês, italiano pode-se, agora, num “CLIC”, visitar a Capela onde, numa linda noite, o céu desceu à terra...

Sejamos modestos: a Santíssima Virgem nos precedeu! A seu pedido, Irmã Catarina fez cunhar, já em 1830, o melhor dos “sites”: a Medalha! Eficácia máxima de comunicação: basta um lance de olhos para contemplar este compêndio do Evangelho. Eficácia sobrenatural também: o povo cristão não se enganou, quando a denominou: “medalha milagrosa”.

Recordemos!

As aparições da Santíssima Virgem à Irmã Catarina Labouré aconteceram em julho, novembro e dezembro de 1830. Em Fevereiro de 1832, há em Paris, uma terrível epidemia de cólera, que vai causar mais de 20.000 mortes! As Filhas da Caridade começam a distribuir, em Junho, as 2.000 primeiras medalhas cunhadas, a pedido do Padre Aladel, diante da insistência de Irmã Catarina. As curas multiplicam-se, bem como as proteções e conversões. É impressionante! O povo de Paris chama-a medalha de “milagrosa”. No outono de 1834, há mais de 500.000 medalhas. Em 1835, mais de um milhão no mundo inteiro. Em 1839, se distribui em mais de dez milhões de medalhas. Quando Irmã Catarina morreu, em 1876, mais de um bilhão de medalhas!

Por que a equipe da Capela quis lançar-se nesta aventura da Internet?

A Igreja anima a todos os cristãos a utilizarem as novas técnicas, para evangelizar. Conhecemos o interesse que ela sempre mostrou por estes “*dons de Deus*”, que são os meios de comunicação, “*admiráveis descobertas da técnica que, tudo fazem para responder às*

necessidades humanas e que podem fazer muito mais ainda” (João Paulo II). Em todas as épocas, a Igreja prossegue a obra começada no dia de Pentecostes. Ao longo dos séculos, esta missão evangelizadora espalhou-se pelos quatro cantos do mundo, adaptando-se às culturas e apropriando-se das novas técnicas. Hoje, a Igreja nos convida a participar cada vez mais da grande aventura do ciberespaço e utilizar seu potencial para proclamar a mensagem do Evangelho.

A Internet é um instrumento e não um fim em si mesmo, que pode ser de uma grande ajuda na vida cristã. Esta, já o sabemos, exige uma instrução e uma catequese constantes. Aproveitamos desse instrumento na rua do Bac... Entretanto, a realidade virtual da informática não pode substituir a comunidade real nem a realidade encarnada dos sacramentos e da liturgia, nem a proclamação direta do Evangelho.

Mas a Internet pode atrair os cristãos para uma maior experiência da fé. Ela oferece também um meio de comunicação com as pessoas isoladas no plano religioso, com os doentes, os deficientes, os jovens, os aposentados. Oferece também um apoio único, no caminho da fé, aos “iniciantes” e abre uma porta aos não-crentes.

Os perigos existem: numa cultura que se alimenta do efêmero, onde o imediatismo concentra toda atenção, limitamo-nos a obter um acúmulo de informação. Armados com o Evangelho de Cristo, os cristãos, devem incentivar o aprofundamento do pensamento e da reflexão sobre o significado profundo das coisas da vida, sobre o sentido do bem e do mal. Neste novo espaço, fazer realçar o rosto do Salvador do mundo e fazer ouvir sua voz, é, diz João Paulo II, fazer da Internet *“um espaço verdadeiramente humano, pois não há lugar para o Cristo, onde não há lugar para o homem.”*

Descubramos o site

“<http://chapellenotredamedelamedaillemiracleuse.com>”

Uma vez atravessado o portal de entrada que convida ao recolhimento, surge a Capela, com o seu campanário e sua alameda de flores. Vistas luminosas cobrem as estátuas, afrescos, mosaicos, alegam nosso olhar! Depois das informações práticas, aparece o **menu**, isto é, o plano do site, com todas as suas rubricas. Quanta riqueza! Uma visita guiada da Capela, o relato das aparições, uma apresentação da Medalha, verso e reverso, a vida de Santa Catarina ilustrada, um flash sobre os Fundadores da Companhia das Filhas da Caridade.

Em seguida encontramos as *rubricas que se movimentam*: são as páginas periodicamente renovadas..

Primeiramente a “parada espiritual”, com os horários das missas, peregrinações, conferências; agenda, onde são propostos “documentos a ler”, extratos de homilias pronunciadas na Capela ou conferências, etc; enfim, o Folheto mensal da Capela, com arquivos para os números precedentes (desde Outubro de 2001).

Para terminar, “as conexões”: os laços amigos, indicando outros sites da família vicentina.

Uma equipe diversificada lançou-se na aventura: Filhas da Caridade, Padres da Missão, leigos, homens e mulheres; voluntários e profissionais. Em suma, um rosto de Igreja, tendo todos a mesma preocupação com a missão e, a serviço desta missão de evangelização, competências complementares. Mas, sempre, a técnica a serviço do apelo de João Paulo II: *Duc in altum ... Avançar para águas profundas!*

Chantal CREPEY
Membro da Equipe da Capela